

# —LIBERAÇÃO—

UMA JORNADA PELA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO

## CONTEÚDO

Salus Loch

## ASSESSORIA

Cristiane Von Appen

## EDIÇÃO E REVISÃO

Laura Nicolli e Michel Ehrlich

## ARTE

Isabel Cunha de Paula

museu do  
**Holocausto**  
CURITIBA | BR



  
**casa  
da memória**  
UNIMED FEDERAÇÃO/RS

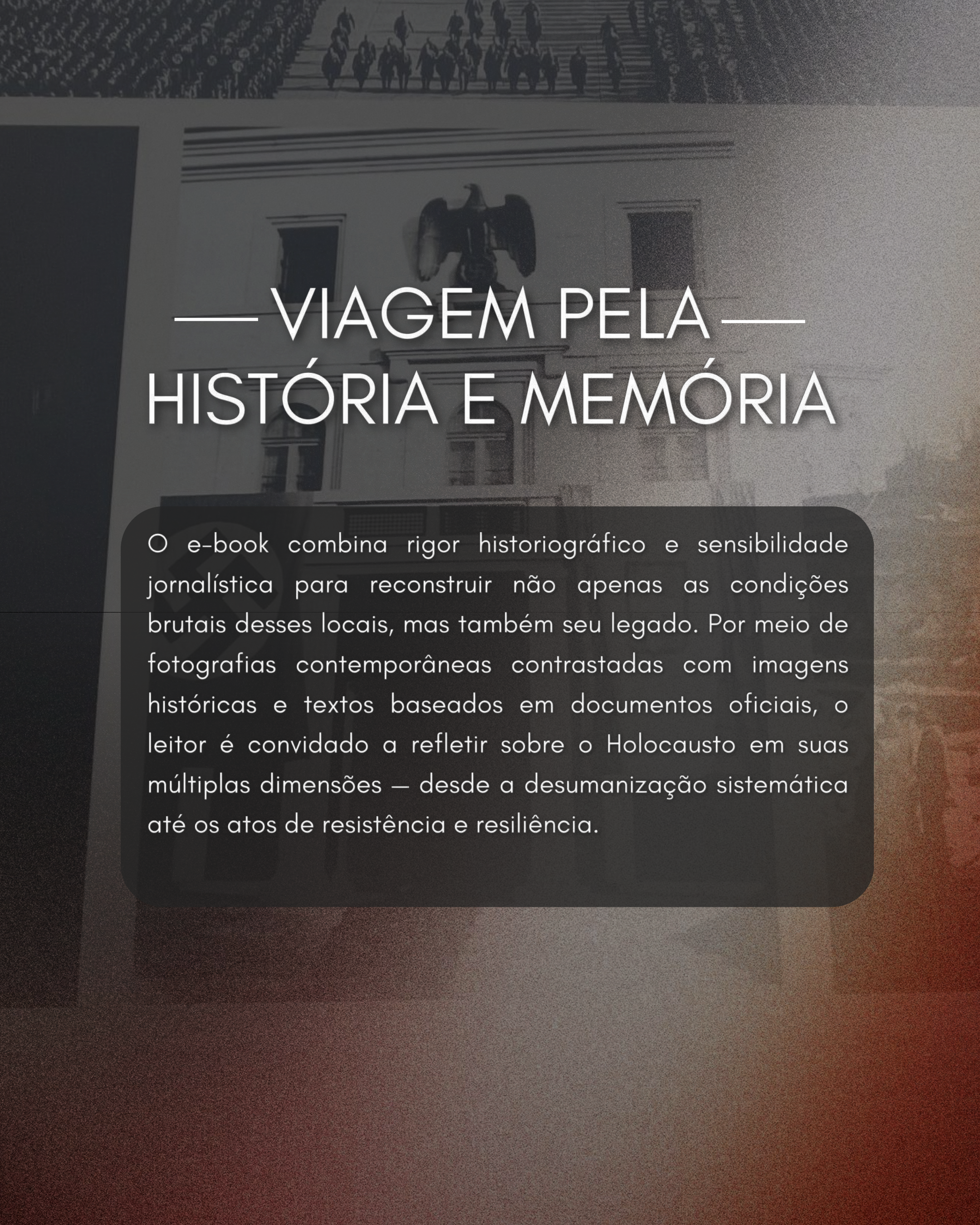


# — INTRODUÇÃO —

O Museu do Holocausto de Curitiba e a Casa da Memória Unimed Federação/RS apresentam o e-book "Liberação", uma obra que marca os 80 anos da liberação de alguns dos principais campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial.

Orientado pela coordenadora de Comunicação do Museu do Holocausto, Laura Nicolli, e pelo coordenador de História, Michel Ehrlich, o projeto é fruto de pesquisa conduzida pelo jornalista Salus Loch, que percorreu mais de 2.200 km no Continente Europeu, entre janeiro e fevereiro de 2025, a fim de documentar a história de cinco campos estabelecidos pelos nazistas: Auschwitz-Birkenau e Plaszow (Polônia), Dachau (Alemanha), Mauthausen (Áustria) e Terezín (República Tcheca). Como capítulo bônus, a publicação traz o relato da cidade de Lidice, na então Tchecoslováquia, que foi aniquilada pelas forças nazistas em junho de 1942 como represália ao assassinato de Reinhard Heydrich.





# — VIAGEM PELA — HISTÓRIA E MEMÓRIA

O e-book combina rigor historiográfico e sensibilidade jornalística para reconstruir não apenas as condições brutais desses locais, mas também seu legado. Por meio de fotografias contemporâneas contrastadas com imagens históricas e textos baseados em documentos oficiais, o leitor é convidado a refletir sobre o Holocausto em suas múltiplas dimensões — desde a desumanização sistemática até os atos de resistência e resiliência.



# — CONTEÚDO MULTIMÍDIA — E ABORDAGEM INOVADORA

A obra integra elementos audiovisuais captados durante a jornada de Salus Loch, editados pelo departamento de Comunicação do Museu do Holocausto. O conteúdo contempla filmes curtos, a partir de registros que mesclam imagens dos campos, com narrativas sobre a liberação em 1945; fotografias comparativas, dialogando com o passado, mostrando como esses locais se transformaram em espaços de memória; e jornalismo narrativo, a partir de artigos que exploram desde dados demográficos das vítimas até o impacto do Holocausto nas comunidades locais no presente.



# — LIDICE: SÍMBOLO — DA BARBÁRIE NAZISTA

Além dos campos, o e-book dedica um capítulo especial à cidade tcheca de Lidice, obliterada pelas SS em 1942 como vingança pelo assassinato do oficial alemão, Reinhard Heydrich. A narrativa aborda a tragédia de seus habitantes — homens fuzilados, mulheres e crianças deportadas — e como sua história se tornou símbolo global de luta contra a opressão, graças à construção da nova Lidice.



# — FINANCIAMENTO — E ACESSO

Custeado integralmente pelo ISPO Pesquisa e Comunicação, o projeto reforça o compromisso com educação histórica e direitos humanos. O e-book está disponível para acesso gratuito através do site do Museu do Holocausto de Curitiba, da Casa da Memória Unimed Federação/RS e do Instituto Cultural Marc Chagall, democratizando o conhecimento sobre um dos períodos mais sombrios da humanidade.



# POR QUE LEMBRAR?

"Liberação" não é apenas um registro histórico; é um alerta contra o esquecimento. Ao visitar esses locais — transformados em memoriais — a obra convida à reflexão sobre tolerância, justiça e o papel da memória na construção de um futuro mais humano. "Quem ouve um testemunho torna-se testemunha", escreveu Elie Wiesel. Este e-book cumpre esse propósito: transformar cada leitor em guardião da história que jamais deve se repetir.



# — REALIZADORES —

Museu do Holocausto de Curitiba

Casa da Memória Unimed Federação/RS



# MUSEU DO HOLOCAUSTO

Inaugurado em novembro de 2011 como o primeiro museu dedicado ao Holocausto no Brasil, o Museu do Holocausto de Curitiba destaca-se por uma abordagem pedagógica centrada na valorização da vida e na construção de empatia. Sua missão é transmitir valores universais por meio das histórias das vítimas do genocídio nazista, ressaltando não apenas o horror da perseguição, mas também as trajetórias de resistência e resiliência dos sobreviventes que reconstruíram suas vidas no Brasil.

Em uma luta constante contra o racismo e a discriminação, utiliza as lições do Holocausto como ferramenta educativa para promover reflexão e mudança. Ao humanizar as vítimas por meio de suas biografias e experiências pessoais, busca inspirar respeito à diversidade e aos direitos humanos. Além de preservar a história, o museu posiciona-se ativamente em causas sociais, utilizando sua voz para denunciar injustiças e promover diálogo. O lema — "Por toda a vida vamos lembrar" — reflete um compromisso com a conscientização permanente: lembrar o passado para proteger o futuro.



# CASA DA MEMÓRIA

Braço cultural do Sistema Cooperativo Empresarial Unimed-RS, a Casa da Memória Unimed Federação/RS consolida-se como um espaço dinâmico e multifacetado, projetando a marca Unimed como referência em engajamento artístico-cultural e preservação histórica.

Sob a liderança do presidente Nilson Luiz May, a Casa ocupa pilar central, transformando o espaço em um hub ativo em Porto Alegre, promovendo exposições e eventos que conectam a sociedade a elementos da contemporaneidade. Além disso, atua na salvaguarda da trajetória da Unimed e do cooperativismo, utilizando uma exposição interativa e acervos documentais para difundir conhecimento. Ao unir passado e presente, a Casa da Memória não apenas honra a história do cooperativismo médico, mas também se reinventa como agente transformador na cena cultural brasileira. Suas iniciativas reforçam o papel da Unimed na construção de uma sociedade mais conectada à memória coletiva, ao saber e ao conhecimento.

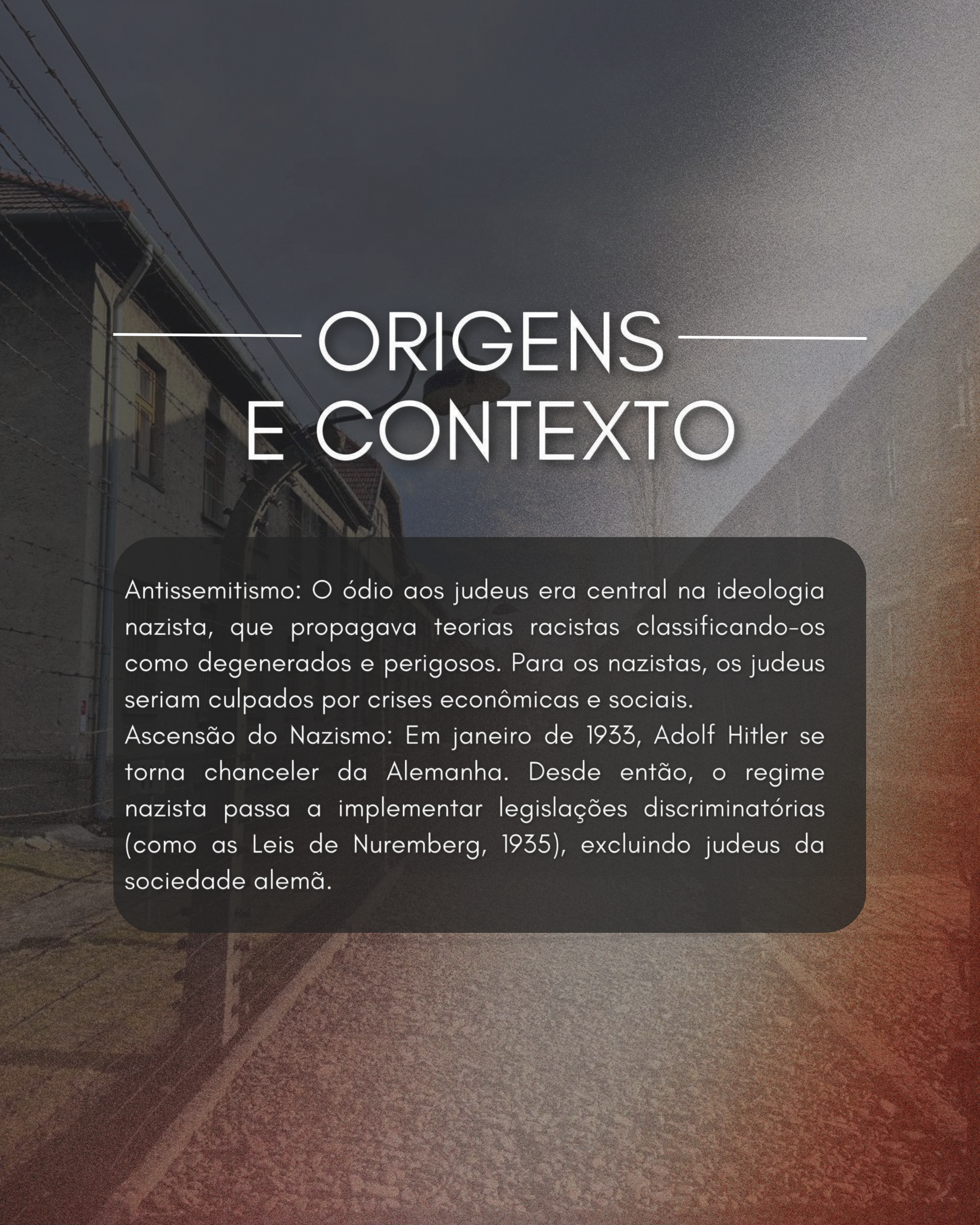


# — O QUE FOI O — HOLOCAUSTO?

O Holocausto (1933-1945) foi a perseguição sistemática e o assassinato em massa de seis milhões de judeus europeus, implementado pelo regime nazista alemão e seus colaboradores. O termo hebraico Shoah ("catástrofe") também é utilizado para descrever este genocídio.

Além de judeus, milhões de pessoas de outros grupos populacionais – como roma e sinti (ciganos), pessoas com deficiências, negros, opositores políticos, homossexuais, testemunhas de Jeová e eslavos – foram perseguidas e mortas pelos nazistas por motivos políticos ou raciais.





# — ORIGENS — E CONTEXTO

Antissemitismo: O ódio aos judeus era central na ideologia nazista, que propagava teorias racistas classificando-os como degenerados e perigosos. Para os nazistas, os judeus seriam culpados por crises econômicas e sociais.

Ascensão do Nazismo: Em janeiro de 1933, Adolf Hitler se torna chanceler da Alemanha. Desde então, o regime nazista passa a implementar legislações discriminatórias (como as Leis de Nuremberg, 1935), excluindo judeus da sociedade alemã.



# — EVOLUÇÃO — DA PERSEGUIÇÃO

Exclusão social: Boicotes a negócios judaicos (como em 1º de abril de 1933), demissões de cargos públicos e humilhação pública.

Violência organizada: Pogroms como a Kristallnacht (Noite dos Cristais) em 1938, com destruição de sinagogas e estabelecimentos comerciais, além de prisões em massa.

Guetização: Judeus foram confinados em guetos superlotados (Varsóvia e Lodz, por exemplo), onde enfrentavam fome e doenças.

Solução Final: A partir de 1941, os nazistas implementaram o extermínio em massa por meio de fuzilamentos em valas comuns (Einsatzgruppen) e campos de extermínio com câmaras de gás (Auschwitz-Birkenau, Treblinka e outros).



# MÉTODOS DE EXTERMÍNIO

Campos de concentração e extermínio: Locais como Auschwitz combinavam trabalho forçado e assassinato industrializado. Cerca de 2,7 milhões de judeus foram mortos nesses campos.

Marchas da morte: Em 1944-1945, prisioneiros foram forçados a caminhar sob condições brutais para evitar a liberação pelos Aliados. Milhares faleceram durante os trajetos.





# VÍTIMAS NÃO-JUDIAS

Roma e Sinti (Ciganos): Cerca de 250 mil assassinados.  
Pessoas com deficiência: Vítimas do programa nazista de "eutanásia".

Prisioneiros políticos, homossexuais e eslavos: Alvos por serem considerados "indesejáveis".

Pessoas com deficiências: Mais de 200 mil vítimas do programa nazista de "eutanásia" (Akton T4).

- Opositores políticos, negros, homossexuais, testemunhas de Jeová e eslavos.



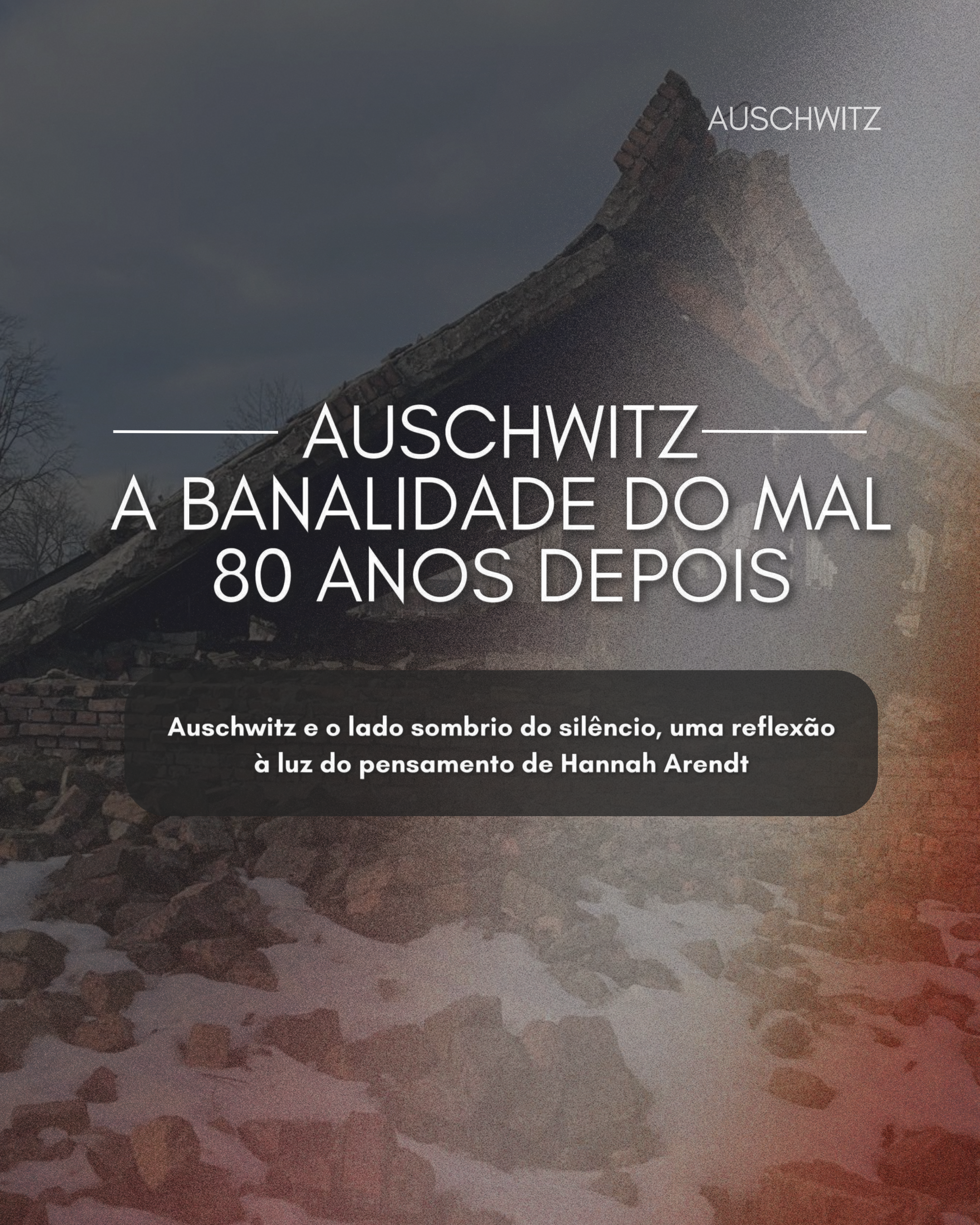
# — LIBERAÇÃO E — CONSEQUÊNCIAS

Em 1945, tropas aliadas liberaram campos como Auschwitz, Mauthausen, Terezin e Dachau, encontrando sobreviventes esqueléticos e cenas de horror.

Após a guerra: Sobreviventes enfrentaram traumas profundos; muitos migraram para Israel ou outros países para recomeçar a vida, como o Brasil. Cerca de 250 mil judeus passaram por campos de pessoas deslocada (DP camps) até meados dos anos 1950.

O Holocausto é um alerta contra o ódio racial e a indiferença. Instituições, a exemplo do Museu do Holocausto de Curitiba, preservam histórias das vítimas para educar futuras gerações sobre os perigos do extremismo e da intolerância.





AUSCHWITZ

# — AUSCHWITZ — A BANALIDADE DO MAL 80 ANOS DEPOIS

**Auschwitz e o lado sombrio do silêncio, uma reflexão  
à luz do pensamento de Hannah Arendt**



## AUSCHWITZ

No 80º aniversário da liberação de Auschwitz-Birkenau, em 27 de janeiro de 2025, o mundo se reuniu para relembrar um dos capítulos mais sombrios da história. Além de um ato de memória, a cerimônia foi um alerta contra a indiferença e o silêncio que permitiram o Holocausto. À luz do pensamento de Hannah Arendt, é possível compreender mais profundamente as implicações do evento e suas lições para o hoje e, quiçá, para o amanhã.

### **A banalidade do mal**

Hannah Arendt, filósofa política alemã judia, introduziu o conceito de "banalidade do mal" em sua obra "Eichmann em Jerusalém". O conceito revolucionou a compreensão sobre a natureza do mal, especialmente no contexto da Shoah - entendido como extermínio massivo e sistemático, patrocinado pela Alemanha nazista e seus colaboradores, de 6 milhões de judeus.



AUSCHWITZ

# PRINCIPAIS ASPECTOS — DO PENSAMENTO — DE ARENDT:

O mal como algo ordinário: Arendt argumenta que o mal não é necessariamente praticado por monstros, mas por pessoas comuns que falham em pensar criticamente sobre suas ações.

A ausência de pensamento: O verdadeiro perigo, segundo Arendt, reside na incapacidade ou recusa de pensar sobre as consequências morais de nossas ações.

Burocracia e distanciamento moral: O sistema burocrático nazista permitiu que indivíduos se distanciassem moralmente de suas ações, vendo-as como meras tarefas administrativas.

Responsabilidade individual: Arendt enfatiza a importância da responsabilidade pessoal, mesmo em sistemas totalitários.



AUSCHWITZ

# —TESTEMUNHO DA— BANALIDADE DO MAL

A cerimônia do dia 27 de janeiro de 2025, no principal campo nazista - onde 1,1 milhão de pessoas foram mortas, sendo cerca de 90% delas judias -, serve como um poderoso lembrete das consequências do que Arendt descreveu. Durante a solenidade, prestigiada por nomes como o Rei Charles III e o presidente ucraniano Wolodymyr Zelensky, os testemunhos dos sobreviventes ilustraram vividamente como o mal pode se manifestar de formas aparentemente banais: "Fomos despojados de toda a humanidade", disse o ex-prisioneiro Leon Weintraub, 99 anos - fazendo ecoar o entendimento de como sistemas totalitários podem desumanizar tanto vítimas quanto perpetradores.



AUSCHWITZ

# SILÊNCIO COMO CÚMPlice

Os 80 anos da liberação de Auschwitz, realizado sob uma tenda gigante montada simbolicamente onde localiza-se o famigerado "Portão da Morte", em Birknenau, foi repercutido pela imprensa mundial (1.000 jornalistas estavam credenciados para o ato). Apenas com falas de quatro sobreviventes, do diretor do museu de Auschwitz-Birkneau, Piotr Cywinski, e do presidente do Congresso Judaico, Ronald S. Lauder, a atividade destacou o papel crítico do silêncio e da inação na perpetuação dos crimes nazistas. Foi dito: "Não são apenas os perpetradores diretos que podem ou devem ser responsabilizados, mas, em certa medida, também aqueles que permaneceram em silêncio, agindo com complacência e distanciamento: a inércia da sociedade permitiu que o Holocausto ocorresse". Pequenos atos de cumplicidade tiveram seu papel, pois, diz Arendt, o mal também se manifesta por meio de pequenas ações e da assistência passiva daqueles que observam ou se beneficiam.



AUSCHWITZ

# A IMPORTÂNCIA DA — MEMÓRIA E DO — PENSAMENTO CRÍTICO

Com pouco mais de 100 minutos de duração, a cerimônia em Auschwitz enfatizou a crucial importância da memória, alinhando-se à necessidade da reflexão contínua: "A memória machuca, a memória ajuda, a memória guia... sem memória você não tem história, nem experiência, nem ponto de referência", frisou Piotr Cywinski, diretor do museu de Auschwitz-Birkenau.

A declaração, que calou a plateia, encontrou amparo no raciocínio de Hannah Arendt e reforçou a importância do pensamento crítico e da memória histórica como barreiras contra a repetição do mal. Por isso, trabalhos como o do Museu de Auschwitz-Birkenau, na Polônia, do Museu do Holocausto de Curitiba (aberto em 2011), e de outros tantos centros de estudo, pesquisa e conscientização se fazem cada vez mais prementes.



AUSCHWITZ

# CONSTRUINDO — UM FUTURO — MAIS HUMANO

Refletir sobre Auschwitz não se limita a revisitar o passado; trata-se de ativamente moldar o futuro. É fundamental concentrar-se em premissas que promovam o diálogo, com ênfase na necessidade de comunicação aberta e sincera. Fomentar a troca cultural e a compreensão entre diferentes grupos é essencial, assim como respeitar as diferenças e valorizar a diversidade humana. Além disso, a educação e a conscientização, quando a história é utilizada como uma ferramenta poderosa, desempenham um papel crucial na prevenção de futuras atrocidades.



AUSCHWITZ

# — DESAFIO — CONTÍNUO

Auschwitz-Birkenau nos adverte: a luta contra o mal banal é contínua e exige vigilância constante. Não basta lembrar; devemos pensar criticamente, questionar ativamente e agir com coragem moral. Afinal, como estudioso do Holocausto há mais de uma década – tendo já visitado uma dezena de campos e entrevistado mais de 20 sobreviventes, no Brasil, na Europa e em Israel – entendo que o verdadeiro antídoto para a banalidade do mal é o compromisso incansável com o pensamento ético e a ação responsável. Em um mundo onde o silêncio e a indiferença ainda permitem injustiças, a mensagem de Auschwitz e as reflexões de Arendt seguem dolorosamente relevantes e urgentemente necessárias.



PLASZOW

# PLASZOW: REALIZAÇÃO SOMBRIA ALÉM DA FICÇÃO

**Campo de concentração em Cracóvia, imortalizado por Steven Spielberg, revela horrores que vão além do que se vê nas telas, com um novo museu para preservar sua história.**

## **Você conhece Plaszow?**

Este campo nazista, imortalizado no filme "A Lista de Schindler" de Spielberg, esconde uma história brutal, que transcende a ficção. Situado nos arredores de Cracóvia, cidade no Sul da Polônia, sua narrativa é um lembrete pungente das atrocidades cometidas pelos nazistas e seus colaboracionistas durante a Segunda Guerra Mundial.



PLASZOW

# — DO TRABALHO — FORÇADO À AGONIA

Plaszow começou em 1942 como um campo de trabalhos forçados perto do gueto judaico. Em 1944, havia se transformado em um campo de concentração, agrupando mais de 20.000 prisioneiros. No total, 35.000 pessoas passaram pelo local; cerca de 6.000 perderam suas vidas.

Demolição de cemitérios judaicos, trabalhos em pedreiras, ou nas fábricas de Oskar Schindler eram algumas das ocupações dos prisioneiros. Apesar disso, muitos foram transferidos para campos de extermínio, como Auschwitz.



A background image of a two-story building with a red-tiled roof and a chimney. The building has a classical architectural style with a pediment and a circular window. The image is dark and grainy, with a blue and orange color palette.

PLASZOW

# — AMON GÖTH —

O infame comandante do campo, Amon Göth, residia em uma casa com vista para as pedreiras, localizada próximo à 'Casa Cinza', que servia como base administrativa. Em sua posição privilegiada, Göth transformou a violência em um espetáculo, assassinando prisioneiros do alto de sua varanda.



PLASZOW

# — VESTÍGIOS DA — CRUELDADE

Com a aproximação do Exército Vermelho, os nazistas tentaram destruir as evidências de seus crimes, exumando e queimando corpos. Ainda assim, vestígios inegáveis permaneceram quando os soviéticos liberaram Plaszow em 19 de janeiro de 1945, encontrando o campo praticamente vazio.



PLASZOW

# ENTRE PASSADO — E FUTURO —

Hoje, Plaszow – no alto de uma colina –, funciona como uma espécie de parque e serve mais como um local de lazer do que um espaço de memória. Isso, contudo, está prestes a mudar. Um museu em construção, previsto para abrir as portas entre o final de 2025 e início de 2026, promete preservar de forma abrangente a história do campo, transformando o espaço em um importante centro de conscientização.





PLASZOW

# REFLEXÕES DE MEMÓRIA

A visita a Plaszow é gratuita, com acesso fácil. No entanto, é crucial que visitantes entendam que este não é apenas um parque, mas um lugar de memória e reflexão. Ao respeitar, refletir e compartilhar as histórias do local, é possível contribuir para que, por meio da educação e da conscientização, os horrores do passado não se repitam no futuro.



MAUTHAUSEN

# SÍSIFO NA ESCADA DA MORTE DE — MAUTHAUSEN —

**Resiliência em tempos de horror:  
a luta invisível contra o absurdo humano**



## MAUTHAUSEN

Em 12 de março de 1938, a Áustria foi anexada ao Reich alemão no evento conhecido como "Anschluss". Apenas duas semanas depois, August Eigruber, a liderança nazista da Alta Áustria, anunciou com orgulho mórbido a construção de um campo de concentração em Mauthausen, às margens do Danúbio.

O objetivo inicial era aprisionar opositores políticos e grupos rotulados como "criminosos" ou "anti-sociais", forçando-os a trabalhar nas pedreiras de granito locais. Em 8 de agosto de 1938, os primeiros prisioneiros chegaram, transferidos de Dachau, campo de concentração próximo a Munique, na Alemanha. Eram todos homens, alemães e austríacos, condenados a construir o próprio local de seu tormento.



MAUTHAUSEN

# EVOLUÇÃO DO — HORROR —

Com o início da guerra em 1939, Mauthausen se expandiu. Um segundo campo, Gusen, foi estabelecido nas proximidades. Logo, formou-se um sistema complexo de campos interconectados, engolindo vidas de toda a Europa.

Mauthausen e Gusen ganharam a reputação de serem os campos com as condições mais severas e a maior mortalidade, até então. A hierarquia do local era brutal: os prisioneiros na base tinham chances mínimas de sobrevivência. Em 1941, a SS iniciou a construção de uma câmara de gás, marcando o início do assassinato sistemático em larga escala.



MAUTHAUSEN

# TRABALHO FORÇADO E MORTE — EM MASSA —

À medida que a guerra avançava, o sistema Mauthausen se expandiu mais e mais. Subcampos foram estabelecidos para acomodar prisioneiros usados como mão de obra escrava na indústria bélica. Paradoxalmente, isso levou a uma breve melhoria nas condições de vida, já que os prisioneiros eram necessários para o esforço de guerra. No entanto, o horror persistiu. A construção de fábricas subterrâneas em locais como Melk, Ebensee e St. Georgen an der Gusen expôs os prisioneiros a condições de trabalho letais, resultando em um aumento dramático no número de mortes.



MAUTHAUSEN

# FIM E LEGADO

Nos últimos meses da guerra, Mauthausen se tornou o destino para prisioneiros evacuados de outros campos. Superlotação, fome e doenças levaram a uma mortandade em massa. Quando o Exército dos EUA finalmente chegou, em 5 de maio de 1945,, encontrou um cenário de devastação inimaginável. Ao longo de seus sete anos de existência, cerca de 190.000 pessoas foram aprisionadas no sistema Mauthausen. Pelo menos 90.000 não sobreviveram.



MAUTHAUSEN

# — PEDREIRA: — CORAÇÃO DO ABSURDO

No centro deste sistema de terror estava a pedreira de granito. Ali, o absurdo da existência em Mauthausen atingia seu ápice, personificado na infame "Escada da Morte".

Consistindo em 186 degraus irregulares talhados na rocha, a Escada da Morte era um instrumento de tortura diária. Os prisioneiros, forçados a carregar blocos de granito pesando até 50 kg em suas costas, subiam e desciam incessantemente. Muitos sucumbiam à exaustão, caíam ou eram empurrados para o inevitável fim.

O trabalho na pedreira era uma sentença de morte lenta. O frio cortante no inverno, o calor sufocante no verão, a fome permanente e a brutalidade dos guardas criavam um cenário de sofrimento quase inimaginável.



MAUTHAUSEN

# SÍSIFO EM MAUTHAUSEN

É neste ponto que a realidade brutal de Mauthausen se entrelaça com o mito de Sísifo, como descrito por Albert Camus. Assim como Sísifo foi condenado pelos deuses a rolar eternamente uma pedra montanha acima, apenas para vê-la rolar de volta, os prisioneiros de Mauthausen estavam presos em um ciclo aparentemente sem fim de trabalho fútil e sofrimento.

A Escada da Morte era a montanha de Sísifo materializada. Cada subida, cada bloco de granito carregado, era um eco do tormento mítico. No entanto, ao contrário de Sísifo, cuja punição era eterna, os prisioneiros de Mauthausen enfrentavam uma realidade ainda mais cruel: a certeza da morte como única escapatória. Ironicamente, no entanto, para alguns, poderia ser um alívio...



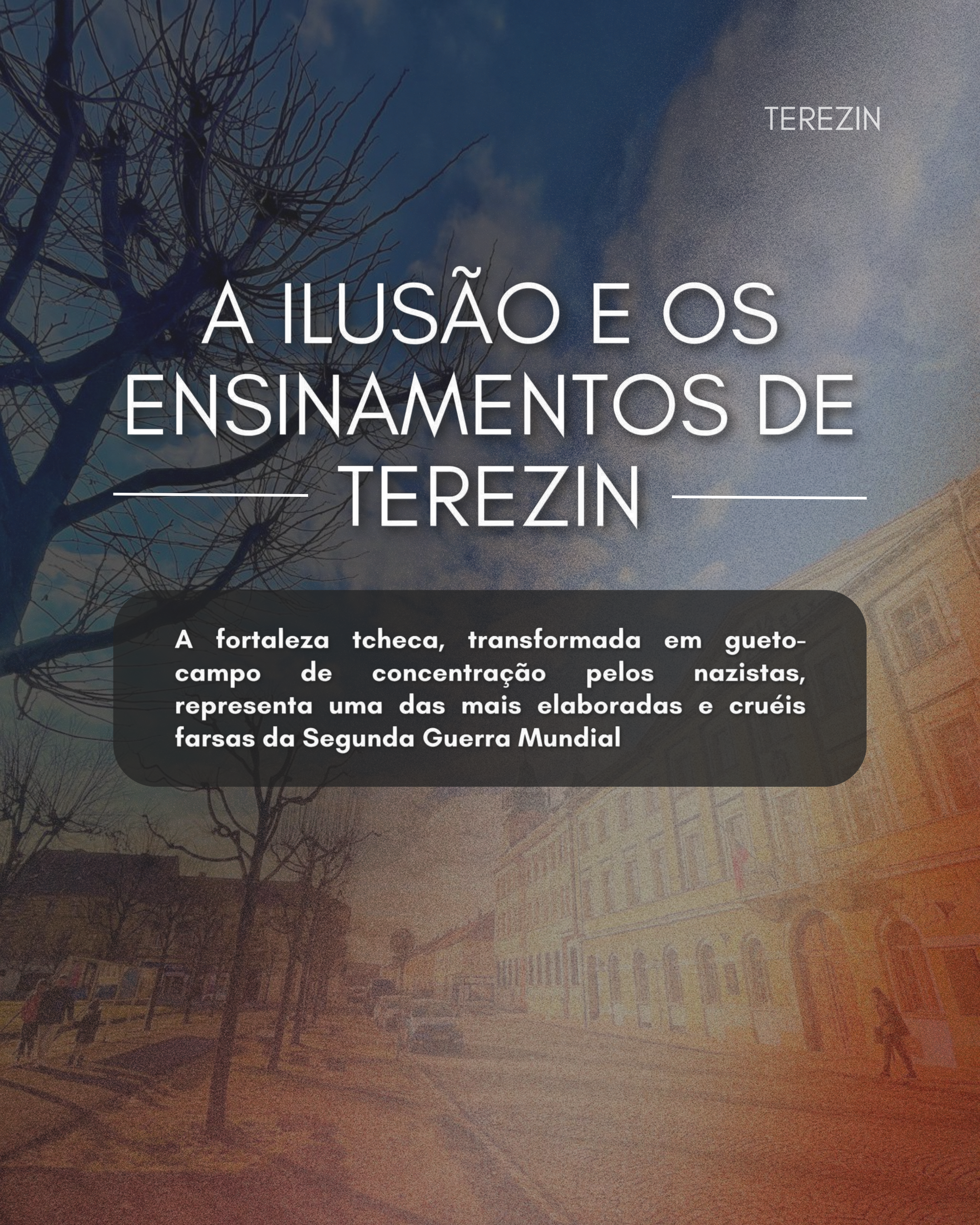
## MAUTHAUSEN

Camus argumenta que devemos imaginar Sísifo feliz, encontrando significado na própria luta contra o absurdo. Em Mauthausen, essa busca por significado assumiu formas desesperadas de resistência e solidariedade entre os prisioneiros. Cada dia sobrevivido era uma afirmação silenciosa contra a desumanização sistemática imposta pelos nazistas.

A pedreira de Mauthausen, com sua Escada da Morte, permanece como um testemunho concreto do absurdo da existência humana levado ao extremo. Ela nos confronta não apenas com o horror do passado, mas com questões fundamentais sobre a natureza humana, a busca por significado em face do absurdo, e nossa capacidade de resistir mesmo nas circunstâncias mais desesperadoras.

Assim como o mito de Sísifo continua a ressoar através dos séculos, a memória de Mauthausen persiste como um lembrete sombrio do que acontece quando o absurdo da existência é amplificado pela crueldade humana deliberada.



The background of the entire page is a historical photograph of the Terezin concentration camp. It shows a wide, paved street lined with multi-story, light-colored buildings that have many windows. Bare trees are visible on the left side of the street. In the distance, a red flag is flying from a pole. Several figures can be seen walking along the street, and a few vintage cars are parked or moving in the distance. The overall tone is somber and historical.

TEREZIN

# A ILUSÃO E OS ENSINAMENTOS DE — TEREZIN —

**A fortaleza tcheca, transformada em gueto-campo de concentração pelos nazistas, representa uma das mais elaboradas e cruéis farsas da Segunda Guerra Mundial**



## TEREZIN

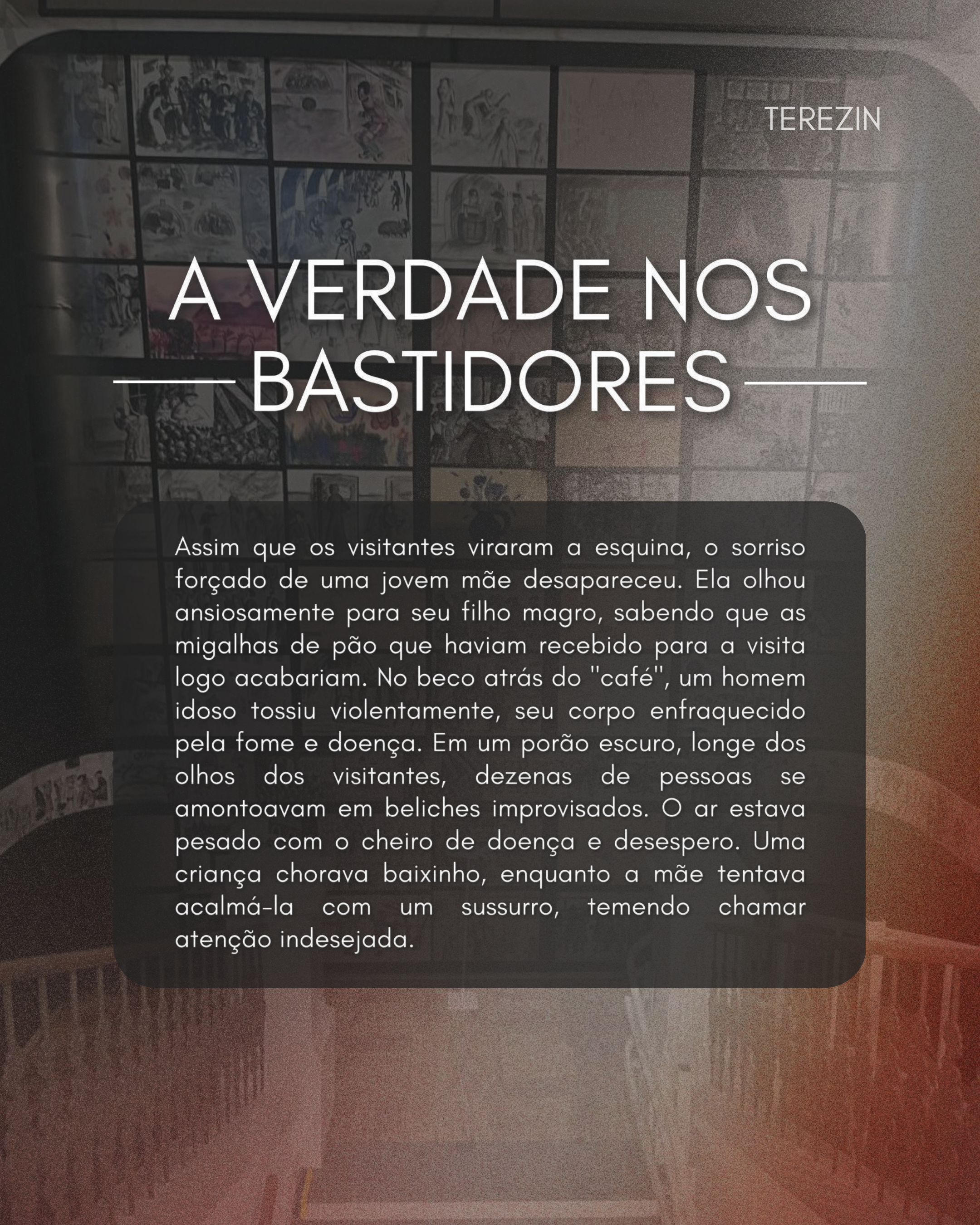
O sol de junho de 1944 brilhava sobre as ruas recém-pintadas de Terezin, na então Tchecoslováquia ocupada pelos nazistas.

Crianças sorridentes brincavam em um parquinho reluzente, enquanto idosos descansavam em bancos de jardim hermeticamente dispostos.

Música suave flutuava no ar, vinda de um café improvisado onde artistas e intelectuais conversavam animadamente. Um grupo de homens de terno, membros da Cruz Vermelha Internacional, caminhava pelas ruas limpas, observando com interesse. Seus guias nazistas sorriam, apontando para os prédios bem cuidados e os rostos aparentemente felizes dos residentes.

O engodo dera certo; a "cidade modelo" construída para os judeus em Terezin, de fato, existia; e não era tão ruim assim. No entanto, por trás dessa fachada meticulosamente construída – que facilmente ludibriara os incautos observadores da Cruz Vermelha –, uma realidade sombria se escondia.





TEREZIN

# A VERDADE NOS — BASTIDORES —

Assim que os visitantes viraram a esquina, o sorriso forçado de uma jovem mãe desapareceu. Ela olhou ansiosamente para seu filho magro, sabendo que as migalhas de pão que haviam recebido para a visita logo acabariam. No beco atrás do "café", um homem idoso tossiu violentamente, seu corpo enfraquecido pela fome e doença. Em um porão escuro, longe dos olhos dos visitantes, dezenas de pessoas se amontoavam em beliches improvisados. O ar estava pesado com o cheiro de doença e desespero. Uma criança chorava baixinho, enquanto a mãe tentava acalmá-la com um sussurro, temendo chamar atenção indesejada.



TEREZIN

# O VERDADEIRO — PROPÓSITO —

Na estação ferroviária, escondida da vista, vagões de gado aguardavam. Listas de nomes eram preparadas em segredo, determinando quais seriam os próximos a embarcar numa jornada sem volta para o leste, nos campos de extermínio de Auschwitz ou Treblinka. O som distante de um trem partindo ecoava como um presságio sombrio. Em um escritório fortemente vigiado, oficiais nazistas examinavam relatórios detalhando o número de mortos no crematório. As cifras indicavam mais de uma centena por dia. Eles discutiam friamente como manter essas estatísticas escondidas dos olhos do mundo.



TEREZIN

# RESISTÊNCIA — SILENCIOSA —

Enquanto isso, como um sopro de resistência, em um sótão escondido, um grupo de crianças se reunia em segredo a fim de ouvir um professor que sussurrava lições de história e matemática, determinado a manter viva a chama do conhecimento. Em outro canto, um artista rabiscava furiosamente, capturando em papel a realidade brutal que os cercava, na esperança de que um dia o mundo conhecesse a verdade. No teatro improvisado, atores ensaiavam uma peça codificada, suas palavras carregadas de significados ocultos que passariam despercebidos pelos guardas, mas trariam um lampejo de esperança para os prisioneiros atentos. Músicas de rara beleza também eram ouvidas aqui e ali, compostas e interpretadas por alguns dos principais talentos de toda uma geração de tchecos e outras nacionalidades.



TEREZIN

# — LEGADO —

Dois de fevereiro de 2025. Oitenta anos depois, as ruas, portões e muros de Terezin ainda parecem sibilar histórias não contadas. Alguns poucos visitantes caminham pelos mesmos logradouros onde outrora a farsa foi encenada. Nas paredes, desenhos de crianças que nunca cresceram servem como testemunho silencioso, aos olhos de moradores da pacata cidade e de estrangeiros, fascinados pelo desdobrar do tempo.

Em um memorial próximo, nomes gravados em pedra contam a história brutal em números: 140.000 transferidos para Terezin, 33.000 mortos na área murada do antigo gueto-campo e 88.000 deportados a campos no Leste. No total, quando da liberação, apenas 17.247 sobreviventes.

Hoje, o vento gelado do inverno transpassa as árvores de Terezin, carregando consigo melodias cantadas em sigilo, orações murmuradas na escuridão, promessas de "nunca mais" feitas por aqueles que sobreviveram para contar a história.



TEREZIN

# SEGREDOS DE TEREZIN

Imaginar soldados austríacos do século XVIII patrulhando as muralhas recém-construídas, orgulhosos de sua imponente fortaleza nomeada em homenagem à imperatriz Maria Teresa não é tarefa difícil ao andar pela cidadela murada em pleno 2025. Mal sabiam eles, contudo, que, menos de dois séculos depois, essas paredes testemunhariam um capítulo funesto da história.

A cidade principal, outrora lar de famílias tchecas, passou a abrigar, no raiar de 1940, dezenas de milhares de judeus em condições desumanas. Nas cercanias, a Pequena Fortaleza abafava gritos de prisioneiros políticos e resistentes em celas úmidas e escuras.

Vários pontos da atual Terezin remetem ao ontem, como o teatro improvisado onde as crianças ensaiavam a ópera "Brundibár", suas vozes cantando melodias de esperança, enquanto a realidade cruel espreitava do lado de fora.



# — AS FACES DO — CAMPO-GUETO

Neste contexto, é imperioso entender as múltiplas funções que Terezin desempenhou sob o jugo nazista:

- **Campo de trânsito:** Na antiga estação ferroviária, os trilhos enferrujados contam uma história silenciosa. Cada dormente é um testemunho das dezenas de milhares que partiram daqui para o desconhecido, a maioria nunca mais retornando, afinal, Terezín servia como um campo de trânsito, um portal sombrio para o extermínio no Leste.

- **Prisão dourada:** Nos edifícios que abrigavam artistas, intelectuais e veteranos de guerra judeus, pode-se imaginar as discussões acaloradas e as performances clandestinas. Este era o campo de confinamento para os "privilegiados", uma prisão disfarçada de refúgio.

- **Peça de propaganda nazista:** Diante da praça central, onde uma vez foram encenados eventos culturais para visitantes internacionais, é possível sentir o peso da mentira elaborada. Terezín era a peça central da propaganda nazista, um cenário cuidadosamente construído para mascarar a verdadeira natureza do Holocausto.

Cada canto de Terezin sussurra essas três histórias entrelaçadas, lembrando-nos da complexidade do mal e da importância de ver além das aparências.





TEREZIN

# LIBERAÇÃO E MEMÓRIA

Em 8 de maio de 1945, o rugido dos tanques soviéticos finalmente quebra o silêncio opressivo e traz liberdade. Todavia, é tarde demais para muitos dos 30 mil remanescentes no local. As ruas, antes cheias de prisioneiros exaustos, agora testemunham cenas de alegria misturada com profunda dor, desespero e, para muitos, a morte, causada por doenças como o tifo.



## TEREZIN

Terezin segue em frente como um memorial solene a céu aberto. Um ponto no mapa, a 60 quilômetros de Praga, preso entre seu passado e a expectativa de um futuro melhor. A vida, pois, precisa seguir. No cair da tarde, enquanto as sombras se alongam sobre as ruelas, é possível encontrar alguns moradores sentados em bancos da praça central, observando crianças brincando despreocupadamente.

Quem tem a oportunidade de conversar com alguns deles, é conduzido a interessantes reflexões. Uma senhora de 70 anos que nasceu na cidade logo após a guerra, sorri ao ser questionada sobre como é viver ali. "É estranho, sabe? Crescer em um lugar com tanta história pesada. Mas Terezín é mais do que seu passado. É nosso lar", diz ela em tcheco - prontamente traduzido ao inglês pela neta, que só faz concordar.



Não muito longe, um jovem professor caminha com seu cachorro. Ele para e conversa, quer falar. "Todos os dias, ensino aos meus alunos sobre o que aconteceu aqui. É importante nunca esquecer. Mas também ensinamos que a vida continua, que podemos construir algo bom mesmo após tanta escuridão".

No minimercado em frente à praça, o dono - de origem asiática (assim como seu concorrente, a cerca de 300 metros do local) -, atende no caixa, sem tempo a perder. Enquanto o sol se põe, pintando o céu de tons dourados e rosa, é possível sentir uma estranha paz pairando sobre Terezin. A cidade, outrora palco de tanto sofrimento, agora abriga vidas comuns. É um testemunho silencioso da resiliência humana, um lembrete de que mesmo nos lugares mais improváveis, a vida encontra um jeito de florescer. De um modo amplo e esquisito, o local transmite uma mensagem para todos que o visitam: "Lembrem-se. Aprendam. Nunca mais".

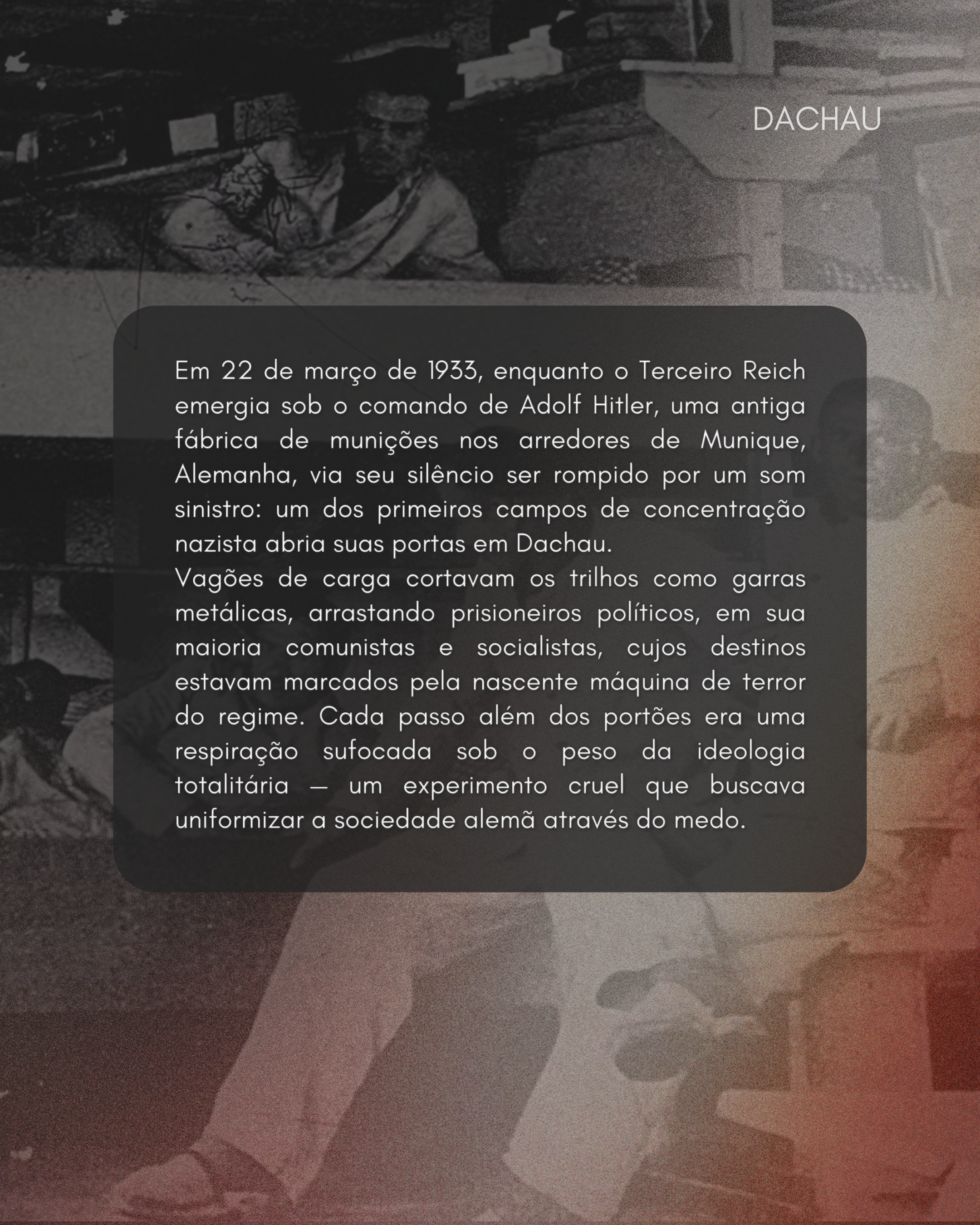


DACHAU

# DACHAU: O MAIS LONGEVO DOS CAMPOS — NAZISTAS —

**Campo de concentração construído nos arredores de Munique funcionou de 1933 a 1945, encarcerando 200 mil pessoas de mais de 30 países; 41.500 morreram no local**





## DACHAU

Em 22 de março de 1933, enquanto o Terceiro Reich emergia sob o comando de Adolf Hitler, uma antiga fábrica de munições nos arredores de Munique, Alemanha, via seu silêncio ser rompido por um som sinistro: um dos primeiros campos de concentração nazista abria suas portas em Dachau.

Vagões de carga cortavam os trilhos como garras metálicas, arrastando prisioneiros políticos, em sua maioria comunistas e socialistas, cujos destinos estavam marcados pela nascente máquina de terror do regime. Cada passo além dos portões era uma respiração sufocada sob o peso da ideologia totalitária — um experimento cruel que buscava uniformizar a sociedade alemã através do medo.



DACHAU

# ENGRENAGEM DA — CRUELDADE —

Theodor Eicke, nomeado comandante do campo em junho de 1933, transformou Dachau em um laboratório de desumanização sistemática. Suas regras não eram meros códigos disciplinares; eram alicerces para uma arquitetura de terror replicável em todos os campos do Reich. Sob seu olhar, guardas da SS aprendiam a tratar prisioneiros não como humanos, mas como lições vivas — corpos a serem quebrados.

Nas celas frias e nos pátios vigiados por torres altivas, o silêncio noturno era interrompido apenas pelo eco de punições exemplares: Dachau tornara-se o protótipo da tirania industrializada.



DACHAU

# ASCENSÃO DO — PESADELO —

Após o expurgo sangrento da SA durante A Noite das Facas Longas, em 1934, Dachau ganhou novo status sob o controle direto de Heinrich Himmler. O campo deixou de ser apenas uma prisão política para se tornar símbolo da supremacia da SS — uma escola onde métodos de tortura psicológica e física eram refinados e exportados para outros campos emergentes como Sachsenhausen e Buchenwald. Cada parede erguida ali sustentava os pilares ideológicos do genocídio que se aproximava.



DACHAU

# EXPANSÃO DO HORROR

À medida que a Europa assistia à escalada nazista com inquietude passiva, os portões de Dachau se abriam para novas vítimas: sinti e roma (ciganos), homossexuais, testemunhas de Jeová e judeus passaram a compor as fileiras dos prisioneiros à medida que as Leis de Nuremberg, editadas em 1935, rasgavam direitos civis em nome da pureza. As celas superlotadas refletiam agora não só dissidência política, mas também ódio étnico e moral — um prelúdio sombrio para o genocídio em escala continental.



DACHAU

# MÁRTIRES NA GUERRA

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, Dachau tornou-se vital na economia bélica nazista: prisioneiros eram explorados até o esgotamento físico em fábricas secretas ou usados como cobaias em experimentos médicos cruéis. Enquanto tanques avançavam na frente ocidental e oriental, os muros do campo testemunhavam seleções diárias entre vida e morte — médicos da SS decidiam quem seria útil como escravo ou eliminado como “carga” desnecessária.

Com o crescimento do número de mortos, em 1940, foi construído o primeiro crematório de Dachau. Dois anos depois, um complexo maior foi erguido, contendo quatro fornos capazes de incinerar dezenas de cadáveres por dia. Os edifícios, com suas chaminés fumegantes, tornaram-se o epítome do horror nazista. Ali, restos mortais de milhares de vítimas foram reduzidos a cinzas, numa tentativa não apenas de eliminar vidas, mas também de apagar vestígios da própria existência humana. Hoje, os crematórios permanecem como testemunhas mudas do genocídio.



DACHAU

# — RESISTÊNCIA NA — ESCURIDÃO —

Mesmo com as derrotas alemãs em Stalingrado e Normandia – sinais claros do colapso iminente – Dachau permanecia ativo como símbolo macabro da resistência ideológica nazista: novos prisioneiros chegavam diariamente das regiões ocupadas enquanto epidemias dizimavam corpos já devastados pela fome.

Sussurros clandestinos, de redes secretas organizadas por presos políticos, tentavam sabotar equipamentos militares ou proteger crianças judias escondidas entre adultos condenados. Floresciam paradoxalmente fragmentos frágeis – porém insistentes – de humanidade.



DACHAU

# — QUANDO OS — PORTÕES CAÍRAM

No final de abril de 1945, soldados estadunidenses chegaram ao campo encontrando pilhas cadavéricas amontoadas junto aos crematórios. Liberadores testemunharam rostos esqueléticos enquadrados por listras azuis dos uniformes - sobreviventes incapazes de sorrir após anos sob chibata.

Cerca de 30.000 ainda respiravam; milhares de outros, porém, haviam sido reduzidos a cinzas ou enterrados em valas coletivas sem nomes. Os aliados, com sua "vitória", chegaram tarde demais para muitos.



DACHAU

# MEMORIAL: TRANSFORMANDO CINZAS EM LIÇÃO

Em maio 1965 inaugurou-se oficialmente o Memorial do Campo Concentração de Dachau – mais do que um monumento estático, o local representa um espaço pedagógico onde visitantes caminham entre blocos reconstruídos imaginando gritos silenciados. Exposições detalham desde cartas clandestinas escritas por prisioneiros até fotos das vítimas anônimas cujos olhos parecem indagar eternamente “por quê?”.

Nas salas dedicadas à educação, inúmeros grupos de estudantes, acompanhados de professores, podem ler as palavras do sobrevivente Max Mannheimer gravadas nas paredes: “Não são vocês culpados pelo Holocausto. Mas serão responsáveis se esquecerem”.



DACHAU

# — LEMBRAR — PARA NÃO REPETIR

Dachau desafia-nos a confrontar a dualidade humana: de um lado, a capacidade de criar sistemas complexos de civilização; de outro, a facilidade de regressar à barbárie quando o ódio orienta a política. A história do campo alerta para que mantenhamos vigilância constante contra discursos que desumanizam grupos minoritários ou glorificam autoritarismo disfarçado de ordem.

Como farol no nevoeiro histórico, o Memorial lembra cada geração que liberdade nunca é conquista definitiva, mas escolha diária – exigindo coragem para reconhecer injustiças passadas... e presentes. Só assim honramos verdadeiramente as milhões de vozes caladas cujo último suspiro ecoa ainda hoje nos muros descascados deste campo agora convertido em templo memória...



LIDICE

# LIDICE: — A CIDADE QUE NUNCA MORREU

**Uma história de resiliência  
contra a barbárie nazista**



## LIDICE

Localizada a apenas 20 km de Praga e mencionada pela primeira vez em crônicas do século XIV (1318), Lidice era uma vila tcheca marcada por uma história tranquila até a Segunda Guerra Mundial. Sua igreja de São Martinho (1352) sobreviveu às guerras husitas e à Guerra dos Trinta Anos antes de ser reconstruída no estilo barroco pela Grã-Duquesa Maria Ana da Toscana no século XVII.

No final do século XIX, a industrialização do distrito de Kladno, na Boêmia Central, transformou Lidice em um povoado mineiro próspero: de 270 habitantes em 1848 para mais de 500 em 1890. Essa serenidade seria brutalmente interrompida pelo regime nazista em 1942.



# — CONTEXTO —

A ocupação alemã da Tchecoslováquia em 1939 mergulhou o país em um pesadelo. Em setembro de 1941, Reinhard Heydrich, um dos arquitetos da "Solução Final", foi nomeado Stellvertretender Reichsprotektor (protetor do Reich Adjunto) para esmagar a resistência tcheca. Seu reinado de terror, que lhe deu a alcunha de "O açougueiro de Praga", incluiu prisões em massa (5 mil antifascistas detidos), execuções sumárias e o fechamento de vilas inteiras. Na região de Kladno/Lidice, centenas foram enviados a campos de concentração ou ao cadafalso. A situação escalou quando, por meio da Operação Antropoide, foi consumado o assassinato de Heindrich - ação planejada em Londres pelo Executivo de Operações Especiais Britânico (SOE) em consonância com o governo tcheco no exílio liderado por Edvard Beneš.



# — PRETEXTO — PARA A VINGANÇA

Em 27 de maio de 1942, dois agentes tchecos – Josef Gabčík e Jan Kubis – emboscaram Reinhard Heydrich. Ele morreu dias depois, em 4 de junho, por infecção causada pelos ferimentos. A Gestapo, ávida por vingança, usou uma carta interceptada na fábrica de Slaný – endereçada a uma funcionária e retida pelo coproprietário do local – para vincular a família Horák de Lidice ao atentado. A alegação era absurda: o filho dos Horák servia no exército britânico, mas buscas na vila não encontraram armas, rádios ou provas. Mesmo assim, Hitler ordenou um castigo exemplar, decretando: "Lidice deve morrer".



# O MASSACRE — METÓDICO —

Na madrugada de 10 de junho de 1942, tropas nazistas cercaram Lidice. Sob ordens de Karl Hermann Frank, no amanhecer, 173 homens foram fuzilados no jardim da fazenda Horák. Mulheres e crianças foram levadas à força: 203 mulheres deportadas para Ravensbrück (60 morreram por trabalho escravo, fome ou experimentos médicos até o fim da guerra). Por sua vez, 105 crianças foram separadas das mães; 23 consideradas "arianizáveis" foram enviadas à Alemanha; enquanto 82 foram exterminadas com gás em caminhões adaptados no campo de extermínio de Chelmno (Polônia).

A destruição física da vila foi meticulosa: casas incendiadas, igreja dinamitada, até túmulos foram violados. Em 1943, só restava um descampado vigiado por placas: "Entrada Proibida".



# — O FILME QUE — CONDENOU OS CARRASCOS

Os próprios nazistas documentaram o massacre em um filme mudo – a fim de mostrarem seu “feito” ao Führer. O material foi usado como prova no Tribunal de Nuremberg (documento nº 379). As cenas mostram soldados incendiando casas, desenterrando cadáveres e celebrando a carnificina. Trechos desse registro macabro são exibidos no Museu Memorial de Lidice, confrontando visitantes com a brutalidade planejada.



# — DE VILA MÁRTIR — A SÍMBOLO GLOBAL

A destruição intencionalmente documentada pelos nazistas teve efeito inverso ao planejado. Notícias do massacre correram o mundo, gerando comoção internacional. O primeiro-ministro britânico Winston Churchill sentenciou: "barbárie sem paralelos". Cidades como Stern Park (EUA) e distritos (como em Rio Claro/RJ - Brasil) adotaram o nome Lidice em homenagem. Milhares de meninas receberam o nome da vila mártir, tornando-a símbolo universal contra o fascismo. Muitas são brasileiras.



LIDICE

# — RENASCER — DAS CINZAS: — A NOVA LIDICE

Em junho de 1945, sobreviventes juraram reconstruir a vila nas próprias ruínas. Com ajuda internacional — incluindo do grupo britânico "Lidice Shall Live" (liderado por Sir Barnett Stross) —, a nova Lidice surgiu em 1948, a 300 metros do local original.

Projetada para simbolizar esperança, possui dezenas de casas modernas erguidas por voluntários globais, um Centro cultural, prefeitura e escola, além de um memorial no antigo sítio, que traz o Campo dos Homens (vala comum) e monumentos/esculturas comoventes, como uma em homenagem às 82 crianças da vila assassinadas pelos nazistas — numa alusão que se estende a todas as crianças mortas durante a Segunda Guerra (1939-1945).



LIDICE

# JARDIM DA PAZ E — AMIZADE —

Inaugurado em 19 de junho de 1955, o jardim — projeto do arquiteto František Marek — conecta as duas Lidices. Mais do que um espaço paisagístico, é uma declaração política. Apresenta 24 mil roseiras (240 variedades) doadas por 35 países. O espaço foi premiado em 2015 como Melhor Jardim de Rosas do Mundo.



LIDICE

# MEMORIAL DA RESISTÊNCIA — HUMANA —

Hoje, o complexo memorial de Lidice inclui um museu, onde são exibidos documentos raros, como cartas das crianças deportadas e artefatos das vítimas, além de testemunhos de sobreviventes; as ruínas da Igreja, a vala comum (local do fuzilamento dos homens); e um monumento às mães, feito em bronze – capturando o desespero da separação das crianças.



LIDICE

# — ENSINAMENTOS —

O massacre de Lidice é um testemunho sombrio da crueldade humana, mas também um farol de esperança e resistência. A pequena vila tcheca ensina que:

A memória coletiva é uma poderosa ferramenta contra o esquecimento

A solidariedade internacional pode superar até mesmo as maiores atrocidades

A reconstrução física e emocional é possível, mesmo após traumas inimagináveis

A educação sobre o passado é crucial para prevenir futuras tragédias

A arte e os memoriais têm um papel fundamental na cura e na conscientização

Em última análise, Lidice prova que a resiliência humana é capaz de florescer mesmo no solo mais árido da maldade, erguendo-se como um eterno monumento à indomável força do espírito humano.



**Desenho:** Amanda Santos

Para assistir aos vídeos da série  
“Liberação” acesse o instagram:



**museudoholocausto**   
Museu do Holocausto

museu do  
**Holocausto**  
CURITIBA | BR



  
**casa  
da memória**  
UNIMED FEDERAÇÃO/RS